

POVO ALGARVIO

SEMÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

Não se devolvem originais quer sejam ou não publicados

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETARIO

MANUEL VIRGÍNIO PIRES



ASSINATURAS

Série de 10 números — No concelho de Tavira. . 8\$00
, » 10 » — Para outras localidades. 9\$90

Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira



MIENINO-DEUS

*Nasceu esse Menino jovial
Sob um fluxo divino lá do Céu,
— Um poema de amor que se escreveu
Na sacrossanta Noite de Natal! —*

*E mal descerra os olhos o sinal
Da cruz divisa, este Anjo galileu,
A dizer-lhe na hora em que nasceu:
Comigo o teu destino é imortal!...*

*E quase dois mil anos já lá vão
Sem que jámais se apague esse clarão
Fulgurante de paz e amor divino.*

*Essa infantil mensagem dum prece,
— Na noite redentora que não esquece —
Que nos trouxe do Céu o Deus-Menino.*

Natal de 1959

VIRGÍNIO PIRES

O Prior António Patrício vai para Faro?

TAVIRA ficou surpreendida ao saber da notícia da transferência do reverendo Prior António Patrício para a freguesia de S. Pedro, de Faro.

Logo que ela se espalhou, a população mostrou-se contristada com o facto e imediatamente se constituíram várias comissões que organizaram intermináveis listas de assinaturas solicitando da entidade eclesiástica que superintende no assunto para que fosse anulado tal mandato.

O Prior António Patrício há cerca de 17 anos, que por despacho do saudoso Bispo D. Marcelino António Maria Franco vem com agrado geral da população parodiando as duas freguesias da cidade.

Pessoa metódica, dotado de extraordinárias faculdades de

Continua na 2.ª página

Concurso de Charolas

na Casa do Povo da Luz

Promovido pela Casa do Povo da Luz de Tavira, realizou-se no passado dia 1 do corrente um grandioso certame de «charolas», a prémios.

A Luz de Tavira, fiel às suas manifestações de folclore todos os anos nesta data festiva do dia de Ano Novo, organiza os seus tradicionais grupos que percorrem a povoação entoando os seus seus cantares em louvor do Deus Menino.

Cada qual prima por apresentar o seu melhor conjunto e a Luz oferece assim um espectáculo característico que arrasta àquela localidades muitos centenas de pessoas.

A Casa do Povo da Luz, no desejo de estimular esta manifestação popular, contribui com alguns prémios, promovendo este interessante concurso.

CHESSMAN

«Chessman, que tem agora a execução marcada para 19 de Fevereiro, não pôde sequer assistir às festas do Natal organizadas na penitenciária, nem à exibição do filme que foi apresentado». (Diário de Lisboa, de 26 de Dezembro)

FUI e sou adversário da pena de morte. E não obstante seguir aquele escritor francês que proclamava não se envergonhar de modificar as suas opiniões, por ser indicação segura de que raciocinava e pensava, estou absolutamente certo de que continuarei, sempre, a ser inimigo da existência da «pena capital».

Digo isto, porque o homem, ser pensante por excelência, muitas vezes adopta, aceita, perfilha, determinadas ideias, certos conceitos que constituem uma parcela inconfundível da sua personalidade. Ora, quanto a mim, a minha irreductível oposição à «pena de morte» faz parte da minha maneira de ser e de pensar.

Por esse

País fora...

Um dos primeiros actos oficiais do novo embaixador do Brasil, Dr. Negrão Lima foi a visita a Santarém, onde o ilustre diplomata prestou homenagem ao descobridor do seu país, cujos restos mortais repousam na igreja da Graça, naquela cidade. Depois de ter sido elucidado acerca do túmulo e suas características históricas pelo arqueólogo Eng. Zeferino Sarmiento, o Dr. Negrão Lima depôs no túmulo de Pedro Álvares Cabral uma coroa de cravos vermelhos e crisântemos, com fitas das cores do Brasil e a legenda — Homenagem do Embaixador do Brasil — Santarém, Dezembro de 1959. Ao descobridor da Terra de Santa Cruz.

Sua Eminência o Cardial Patriarca visitou na companhia do titular da pas- Continua na 2.ª página

Estrada Municipal de Belmonte

Um grupo de habitantes do Livramento pede que façamos eco do seu regozijo pela reparação do troço da estrada municipal que liga aquela localidade ao sítio do Belmonte, na freguesia da Luz, mostrando-se por isso muito reconhecida à Câmara Municipal e à Junta da Freguesia.

pelo Dr. Carlos Picoito

Grupo Cultural de Tavira

A conferência do sr. Dr. Joaquim de Magalhães sobre a obra de Júlio Dinis, realizada no passado dia 21 na sala da Biblioteca Municipal desta cidade

COMO era de prever, dado o alto nível cultural das conferências anteriormente proferidas, no Grupo Cultural de Tavira, pelo distinto professor do Liceu de Faro, sr. Dr. Joaquim de Magalhães, o trabalho apresentado por este inteligentíssimo conferencista sobre a obra de Júlio Dinis, foi na verdade magistral.

A graça com que fez desfilhar perante o auditório a vasta galeria das personagens das obras deste autor, animando-as dos comentários apropriados, foi de uma beleza rara. A análise cuidada e profunda de toda a obra de Júlio Dinis foi de uma justeza muito louvável e bem demonstrou o afincamento com que o Dr. Joaquim de Magalhães se dedicou ao estudo deste escritor de feição romântico-realista dum época de transição da nossa literatura.

Os trechos de alguns romances, que leu a primor, ilustraram e exemplificaram admiravelmente os pontos de vista do conferente. Escusado dizer que a assistência muito apreciou trabalho tão suculto, manifestando exuberantemente o seu agrado.

O Grupo Cultural de Tavira deve estar muito grato ao sr. Dr. Joaquim de Magalhães pela prestimosa colaboração que lhe tem dado, e a assistência muito re-

Continua na 2.ª página

QUADROS

18

de Loulé Antigo

OS altos interesses de Loulé não podem olvidar o crime que constitui o facto do caminho de ferro ter sido construído à distância de cinco quilómetros e meio da vila.

A história há-de sempre condenar os criminosos dessa célebre questão. As lutas de interesses que estranhos desencadearam por revinditas políticas em tempos que os partidos progressistas e regeneradores não davam tréguas e eram os camaleões que absorviam a paz dos espíritos e o bem estar económico e cómodo de alguns sectores da nação, incidiram, lamentavelmente, desde 1883, no traço que ao Algarve levou o revolucionário comboio a vapor e o fez passar longe da vila.

Festa de S. Luís

na Conceição de Tavira

No próximo dia 6 do corrente, Dia de Reis, realiza-se na Conceição de Tavira a tradicional festa em honra de S. Luís.

Às 7 horas haverá alvorada de foguetes e morteiros, ao meio-dia missa cantada pelo grupo coral da freguesia e sermão ao Evangelho. À tarde procissão, que percorrerá o itinerário do costume e sermão ao recolher.

por Pedro de Freitas

Continua na 2.ª página



A igreja de Santa Maria do Castelo, monumento nacional, que tem acompanhado Tavira através dos séculos e que nas suas bem lançadas linhas arquitectónicas demonstra a beleza de que é possuidora

Quadros de Loulé antigo

Continuação da 1.ª página

certo sector parlamentar afirmava não merecer o Algarve possuir o caminho de ferro!... Não admira pois, que ele des-de Beja a Faro, numa extensão de 187 quilómetros, só servia as localidades de S. Marcos e de Messines.

Contudo, nesse ano de 1883, o gabinete regenerador promulga a lei que autoriza a construção do caminho de ferro a Faro.

Nesta data a sua exploração só era feita até à estação de Casével, onde chegara a 20 de Dezembro de 1870, Estacionaria depois na estação de Amoreiras desde 3 de Junho de 1888 a 1 de Julho de 1889, data em que passou a ser explorado até Faro.

Decretada, pois, a sua construção a Faro, em 1884 são entretidos os respectivos trabalhos. Em 1885 são inauguradas as obras da gare de Faro e suas dependências. Consequentemente já com Marçal Pacheco na pujança da sua actividade política. Em 1886 o partido progressista sobe ao poder, e é desde quando esse galo de fortes esporões e de voz dominadora é ferido nos seus bríos de louletano. E tanta é a pressão progressista, que que quase à pressa é feita a inauguração desse troço ferroviário, pois não fosse o partido cair e o poderoso regenerador não fizesse alterar a obra que tão aleijada havia saído da forja.

Contudo esse lutador louletano, com o seu forte físico e de excelentes virtudes linguísticas, consegue, em determinada altura, ainda retocar o erro. Uns estudos são feitos por Eng.º Pinheiro Borges; os trabalhos do campo por Rafael Pinto e os de secretaria por António Francisco de Brito, em Faro. E deles resulta que, dois traçados coloquem na vila a estação ferroviária: um, no Largo do Chafariz, outro, no Largo das Portas do Ceu.

Tudo é moroso, porém, e a par da sombra trabalha a contra-vapor, a infelicidade assalta o Conselheiro que, adoece gravemente, morre, e com a sua morte desce ás secretarias dos estudos a tampa do silêncio, tal como tantas outras subsequêntes têm surgido cada vez que os louletanos mexem no sempre palpitante assunto.

Com a implantação da República em 1910, Loulé começa a «mexer» no ponto morto da sua já velha aspiração. E a lei número 262 de 23 de Julho de 1914, dá começo a uma agitação «pró caminho de ferro».

O artigo 1.º dessa lei, determina: «É autorizada a Câmara Municipal de Loulé a contratar um empréstimo até à quantia de 250 contos, para ser aplicado à construção de um ramal de caminho de ferro, de via larga, que, passando junto da vila de Loulé, se prolongue até S. Brás de Alportel».

O artigo 2.º determina o juro máximo de 53/4 por cento amortizável num prazo não excedente a quarenta anos.

O artigo 5.º prende a Câmara Municipal de Loulé, no caso das receitas serem inferiores à anuidade do empréstimo, a entrar com a quantia necessária para a per fazer.

O artigo 6.º coloca as duas Câmaras — Loulé e S. Brás de Alportel — (em caso de acordo) na situação de dividirem entre si as responsabilidades do empréstimo; e, no artigo 7.º: Não chegando as duas Câmaras a acordo na parte das responsabilidades que a cada uma deva competir, poderá a Câmara Municipal de Loulé responsabilizar-se pela construção do ramal até S. Brás de

Alportel, ou só até à vila de Loulé. E com mais o artigo 8.º que diz: «fica revogada a legislação contrário», com os oito artigos desta lei, toda a acção «pró desvio do caminho de ferro» entra de vez em vias de execução.

Um estudo Almancil-Nexe, Loulé, S. Brás, é o indicado. Com ele servia a estação colocada no Largo das Portas do Ceu. Mas como neste traçado haviam sérias dificuldades técnicas por desnivelamento de terrenos entre Loulé e Almancil, o topógrafo Diogo José Cavaco e o Eng.º auxiliar José Lopes do Rosário, fazem um novo estudo a sair da estação de Loulé-gare; ficando com um desenvolvimento de nove quilómetros para vencer a diferença de nível entre a gare e a vila. Assim ficariam aumentados de mais três quilómetros e meio a distância natural que as separam.

O estudo atravessa ao meio a ladeira do «Rato» e passa ao norte do cemitério, fixando a estação aos «Pegos do Cavallo». E segue em terrenos mais acessíveis a S. Brás de Alportel. Eis como seria o ramal Loulé-garº S. Brás — 23 quilómetros! Ficaria deste modo saldada a dívida a Loulé com a injustiça do caminho de ferro a distância?

Ficaria desta vez arrumada uma causa que a velha política tanto a avolumara com grave prejuizo para os interesses de um grande e próspero concelho do País? Seria a última etapa? ainda não!! O mafarrico assentara diabòlicamente arraiais nos interesses dos louletanos e jurara nunca deixar vingár essa velha e justíssima aspiração.

Um novo ramal na rede ferroviária do sul e sueste! Se ele já está cheio desses buracos onerosos, como consentir a abertura de mais um?!...

Os altos interesses do caminho de ferro antepõem-se ao sonho dos louletanos. «Não pensem nesse ramal. É muito dispendioso. Os louletanos mais tarde se hão-de convencer que o problema tem de ser resolvido de outra maneira. Como está estudado, não!»

É este o pensamento dos altos comandos da engenharia ferroviária.

Um dia até, viajando eu num comboio onde seguia em salão reservado o Chefe dos Serviços de Construção do Sul e Sueste, portanto o chefe que superintendia no estudo do ramal, o Eng.º Moraes Sarmiento, foi este o seu parecer ao comunicar-me como encarava o assunto; como também foi o parecer do Eng.º que mais tarde foi o Director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, Plínio Silva. O ramal estava, portanto, logo ao iniciarem-se os estudos, sob o signo do malogro.

Infelizmente, por sua banda, a primeira Grande Guerra de 1914 a 1918 dá-lhe sentença condenatória.

A Nação é anormalizada por esse internacional conflito e coloca mais uma vez a questão do caminho de ferro de Loulé em ponto morto.

Os louletanos não têm nenhuma sorte com esta velha aspiração.

Depois surge o rescaldo da guerra. Os transportes no País são difíceis e custosos.

Loulé, refletindo melhor, ouve com mais nítida compreensão as judiciosas opiniões do também topógrafo Albino Machado da Encarnação — que desde há muito tempo a vinha fazendo — funcionário que no estudo do ramal fora valioso auxiliar do seu colega Diogo Cavaco.

Ele não se cansa de proclamar a necessidade de mudar o engravado ramal para uma

Por esse País fora...

Continuação da 1.ª página

ta das Obras Públicas a encosta norte dos Olivais, por detrás do Bairro da Encarnação, onde a Fundação que tem o nome do il^lstre Príncipe da Igreja Católica vai construir um bairro para substituir o miserável aglomerado de duzentas e tantas barracas de tábuas e latas, situado perto do Seminário dos Olivais, e no qual vivem nas piores condições de higiene e salubridade mais de mil pessoas, incluindo cerca de quatrocentas crianças. O bairro será constituído por oito blocos de quatro pisos e cada família pagará renda conforme as suas possibilidades económicas, sendo certo que algumas nada poderão pagar.

Lisboeta teve este ano umas broas especiais entre o Natal e o Ano Novo — o «seu» Metropolitano por que durante tanto tempo ansiou. Foi solenemente inaugurado pelo Chefe do Estado no Estação dos Restauradores, benzida pelo Cardial Patriarca, no dia 29, e começou a funcionar às 6 horas do dia seguinte. O percurso Restauradores-Entrecampos ou Restauradores-Sete Rios — os troços agora em exploração — é efectuado em menos de dez minutos, o que mostra bem a vantagem desse novo meio de transporte. Oportunamente são concluídos e postos em exploração outros troços para o Ocidente e para o Oriente da Capital.

O Lar da Criança

A Direcção do Lar da Criança agradece a todos os benfeitores desta instituição de caridade o auxílio que lhe dispensaram no decurso do ano findo desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

modalidade mais consentânea com os interesses gerais da vila amoldáveis, por sua vez, aos próprios interesses da Direcção do Sul e Sueste. E que essa modalidade seria a de uma variante rectificação da linha do Sul — ou desvio da linha mãe — a fazer passar numa recta de Boliquireme a Loulé, por esta vila, o ambicionado caminho de ferro. Iria a estação de Almancil-Nexe, perfazendo uma extensão de 21 quilómetros, pelo que aumentaria a linha do Sul em cerca de 3 quilómetros.

Era a modalidade ferroviária que mais convinha a Loulé! A ideia é magnífica, sem dúvida. Falta porém a ocasião para encetar deligências.

Em 1923 já o entusiasta Dr. Maurício Monteiro, um novo cheio de vontade e fé, Administrador de concelho de Loulé, diz no «Diário de Notícias», de 30 de Março: «ou com o desvio ou com o ramal, o que se impõe é a ligação com a vila».

A ideia do desvio parece, então, não estar ainda bem assente. Em 1926, porém, aproveitada a circunstância da vitória da revolução do «28 de Maio» e, um dos seus chefes ser o filho ilustre de Loulé, o vice-Almirante José Mendes Cabeçadas, Albino da Encarnação consegue o conselho geral à ideia do desvio.

A trombeta louletana reúne toda a população. Todas as forças vivas e todas as vontades ocorrem à renhida luta «pró-desvio» do caminho de ferro; luta recheada de política e de técnica, aonde os interesses de outras regiões formam um *Todo Poderoso* que dá basta «água pela barba» a tão grandíssima falange de aguerridos batalhadores.

CHESSMAN

Continuação da 1.ª página

na-se à morte, vota-se à câmara de gás, um pobre homem que cometeu um crime!

Mas o caso de Caryl Chessman reveste-se de aspectos singulares.

Em primeiro lugar, trata-se dum homem que há mais de uma dezena de anos foi condenado à morte.

Quer dizer: — há dez anos, mesmo mais, que a lei quiere vingár-se, através duma sentença condenatória à pena última.

Mas que lei é essa que aguarda mais de um decénio para satisfazer a sua sede de vingança?!

Por outro lado, um homem enclausurado durante mais de dez anos, tendo sempre a apavorá-lo o espectro da morte, já não é, já não pode ser o mesmo homem.

Assim, Chessman vai morrer em Fevereiro próximo.

Mas quem morre?

O indivíduo que onze anos antes praticou nefandos crimes? Ou alguém completamente diferente do criminoso de anos atrás?

Inclino-me, mais: — aceito esta última versão, aliás já proclamada pelo órgão do Vaticano, o «Osservatore Romano».

E o certo é que o caso de Caryl Chessman tem apaixonado a opinião pública mundial.

Assim e entre outros, é de salientar o movimento dos advogados do Brasil, pedindo para que não fosse cumprida a sentença condenatória.

Quando tal li, lembrei-me das palavras que um dia ouvi ao grande Mestre de Direito brasileiro, Haroldo Valadão: — Onde estiver um advogado, está um defensor dos direitos do Homem.

De resto, no caso de Caryl Chessman, nem é defensável a função punitiva e repressiva da pena.

Compreende-se, de certo modo, essa função da pena, quando ela é aplicada imediatamente.

Mas quando decorrem os anos — e bastantes... — tal função desaparece e «punição e repressão» dão lugar, apenas, a uma obsoleta vingança.

E é o «caso» de Chessman.

Haja, porém, o que houver, tenha acontecido o que tiver acontecido em volta do «caso» de Caryl Chessman, a verdade é que a pena de morte não tem razão de existir: — a isso nos levam os valores eternos da personalidade humana.

Como português que sou e me prezo de ser, eu orgulho-me da minha Pátria ter sido

uma daquelas nações das mais civilizadas do mundo.

Todavia e não obstante tudo quanto deixo dito, haverá fundamento para a existência da pena de morte?

Seja qual fôr o ponto de vista em que nos coloquemos, a resposta é necessariamente negativa.

Sob o aspecto puramente religioso, não há nem pode haver dúvidas de que tal pena é condenada.

Na verdade, sob tal aspecto só Deus pode decidir da vida do homem.

Nem a própria pessoa pode decidir da sua vida. Daí a condenação, em face da religião católica, do suicídio.

E em qualquer outro campo ou sob qualquer outro prisma, o problema não tem melhor sorte...

Assim, a pessoa, o homem, representa um valor.

Todavia, nunca, em nome dessa punição, se poderá condenar alguém à morte.

E a lei que o ordena?

Pois bem: a lei será o primeiro criminoso.

— Matar para castigar um assassino, é novo assassino e este mais bárbaro, porque legal e, logo, premeditado!

Vejam agora o problema sob outro aspecto:

Até fins do século XVIII mantinha-se um sistema cruel da pena, aplicada, além disso, arbitrariamente.

Contra tal estado de coisas, insurgiu-se um movimento de Enciclopedistas, conhecido pelo nome de Iluminismo que teve em mira, fundamentalmente, a segurança da liberdade do indivíduo contra o arbítrio e crueldade das penas.

A seguir, surge Beccaria com o seu livro «Dei delitti e delle pene», para, no século XIX, aparecer a Escola Clássica, cujos penalistas mais representativos foram Romagnosi e outros, mas sobre tudo o grande Carrara.

Para essa escola só o crime é que interessa. O delinquente mantém-se-lhe estranho; é responsável pelo crime por isso que é livre. Se não se conhecesse a imputabilidade moral resultante do livre arbítrio, mal se poderia admitir o crime como a injustiça. Se fosse um facto humano que não dependesse da liberdade do homem, só poderia ser considerado como um evento natural, nada mais.

Para a Escola clássica, portanto, o que interessa é o crime e não a personalidade do delinquente.

Deste modo, dentro desta orientação ainda se poderia defender a pena de morte...

Continua na 5.ª página

J. A. PACHECO
TAVIRA

Fábricas de moagem de
farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada
a um escrupuloso fabrico fazem
com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do
público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Vidas Nocturnas

NUM exíguo compartimento não muito maior do que um quarto de estudante, agitava-se uma orquestra sobre um estrado, um ror de gente espalhafatosa ocupava todas as mesas e cadeiras, e restava um espaço circular onde se dançava; ou antes, parecia que se dançava. À minha esquerda, dependurados a um balcão-bar, outra tanta gente da mesma heterogeneidade, algaraviavam de maneira ensurdecadora. O móbil era diverso, mas presumia-se que as comidas e bebidas estavam no primeiro grande plano de divertimentos.

Enquanto as pessoas sensatas, aquela hora, em suas casas descansavam e dormiam, os instrumentos dos músicos gemiam ritmos improbos, imitando música americana. Dançavam os «habitúes», a escória madraça dos filhos da noite. Mantinha-me circunspecto entre o pavoroso bulício e ensurdecido pela estridência das vozes, das gargalhadas e da orquestra desafinada. Encorajados pelo alcohol, homens e mulheres divagavam sobre os frutos surtidos de impulsos naturais.

Uma mulher ainda nova, mas terrivelmente fadada, estava sentada num banco alto anexo ao bar. No rosto envelhecido lia-se-lhe a luta pela sobrevivência. Cruzava as pernas e fumava com o canto da boca. Todos os homens que por ali passavam, sem querer, a roçavam. Diante dela erguia-se um pilar que sustinha dois arcos e como a sua perna se movia de baixo para cima, formava assim uma passagem de nível com coluna móvel de interdição. Com premeditado propósito, ou sem propósito, reclinada sobre o balcão, atraía a atenção dos «turistas».

Vinha a caminhar com visível desequilíbrio, um marujo francês; trazia o boné sobre a testa, as mãos metidas nos bolsos e os ombros descaídos, quando uma perna cor de cre se quedou abaixo das suas máxilas. Olhou curioso a tibia da mulher, pôs lá um dedo e deslizou-o paulatinamente até à rótula. Ficou imóvel e depois abriu as pernas para ter melhor apoio. Deslizou o dedo, de novo, em sentido contrário e esbarrou com uma presilha dum sapato arruinado. A mulher deixou escapar uma expressão feliz; uma daquelas perspectivas que um pescador desportivo sente quando o isco é mordido no anzol. Mas, neste caso, o marujo ergueu a cabeça e fixou a proprietária de tão esquelética perna. O sono veio-lhe, possivelmente, e fez tombar a sua face sobre a tibia, que oscilou sobrecarregada; parecia ter adormecido, ou então, estava inconsciente sob o efeito das bebidas.

O regozijo da mulher não era inferior ao interesse que tal presa representava para ela e isto a obrigava a agir como uma mãe extremosa. Tacteu o pescoço do jovem marujo e levou-o com cuidado para o colo. Receosa ainda, pediu a uma colega que se afastasse um pouco para acomodar a prenda que representava para ela uma hipótese tributária. Esta virou-se e deu uma gargalhada. Percebeu a cena e disse para que todos a ouvissem: «Olha o Pierre... já está como há-de ir... Se ele te visse de dia fugia a jacto. Ah! Ah!...» A mulher não lhe ligou importância, o que é pouco vulgar, e logo o acariciou com espantosa prática, prevenindo algum insurgimento. Aproximou os lábios ao ouvido do marujo e lá depositou algumas palavras. Mas nenhuma reacção se produziu e ela meditava agora sobre novo plano que resultasse frutífero.

Notei, então, que um criado de mesa observava também o mesmo quadro. Aparentando-se da ansiedade da mulher, aproximou-se e perguntou em francês ao marujo: «Te couches pas?». A resposta não se fez esperar. «Coucher?...

por José Macheira

Grupo Cultural de Tavira

Continuação da 1.ª página

conhecida pelas belas lições que lhe tem ouvido.

Foi Júlio Dinis (pseudónimo que encobre o nome do médico, professor da Escola Médica do Porto, Joaquim Guilherme Gomes Coelho) quem primeiro cultivou entre nós a variedade de romance que se pode chamar tipicamente campestre. A excepção de «Uma família inglesa» toda a sua obra (três romances e uma admirável colecção de contos) é vazada nesse molde. Romance de uma técnica bastante original, esse homem bom e sofrido emprestou-lhe uma ternura e um encanto muito característicos estilizando admiravelmente a vida da burguezia do seu tempo.

Nas suas obras, o conflito estabelece-se entre atitudes que, pela aparência, logicamente conduzem a conclusões verosímeis sobre situações comprometedoras mas que na realidade são falsamente interpretadas.

Ao longo dos seus romances, as diversas personagens andam, assim, aparentemente transviadas. Os interessados, que poderiam esclarecer essas situações dúbias, não as esclarecem por um imperativo mais elevado da consciência, por imposições da moral, mas por fim tudo se recompõe dentro das normas do bom senso e da razão. Quando a acção chega a este estádio o romance ou o conto, terminam e volta a acalmia aos corações ansiosos. Nada de excessivos arrebamentos do «amor fatal», do «amor-tempestade», do «amor-tragédia» de Camilo, se encontra na obra de Júlio Dinis.

O amor aqui é condicionado e orientado por uma ética robustecida por uma razão esclarecida que faz voltar ao bom caminho os indivíduos que, por um simples capricho ou devaneio, pareciam andar arredios.

Os seus protagonistas são humanos, são indulgentes e compreensivos, sempre prontos a perdoar. O estilo de Júlio Dinis é cristalino, flue com admirável simplicidade natural, em elegância extrema, sem o menor esforço, e atinge aspectos surpreendentes; as suas obras de um idealismo bem temperado, de uma invulgar musicalidade, terminam sempre por suavíssimos e repousantes acordes que delictam o leitor.

Se se considerar que este escritor, misto de homem de ciência, poeta-romancista, levou a sua curta existência (faleceu com 34 anos incompletos) assoberbado com os trabalhos da sua profissão e das funções docentes, torturado pela insidiosa tuberculose que o corroía, sempre a deambular por várias paragens em procura de um clima que fosse propício à sua enganosa cura, a sua pouco volumosa obra não pode ser considerada grande, tem de ser considerada gigantesca para se ter a verdadeira craveira da cintilante inteligência que a concebeu, da vontade de ferro que, obedecendo a misteriosa e invencível força interior, a realizou!...

M. S.

Ouí... si...» e depois de olhar o seu interlocutor com espremeida expressão de ébrio, abandonou a cabeça sobre o mesmo regaço. Uma nova vida se apoderou da desgraçada e lhe transluziu sob a persuasiva «maquillage».

Os dois comparsas que o destino fez reunir inopinadamente e ambos vinculados pelas vicissitudes duma vida insana, apoiados um ao outro, saíram cambaleantes sem se adivinhar, sequer, qual deles era o cajado. A desgraça nem sempre é péssima, quando não é má.

Sai, Na rua perpassava uma aura ligeira, denunciando a frialdade da madrugada. Após ter sido farejado por um taxi, seguiu comodamente para o Bairro Azul. No quarto, já aquecido, pensei na vida. Por-

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Taça de Portugal

Olhanense 3 — Académica 0
Penice 3 — Farense 2
Boavista 3 — Portim 1
Espinho 7 — Lusitano 0

O último domingo de 1959 foi preenchido com a 2.ª mão da 1.ª eliminatória da Taça de Portugal, jornada que afastou da grande prova metade dos seus concorrentes.

Dos clubes algarvios, apenas o Lusitano não continuará em prova, em virtude de ter sofrido pesada derrota contra o Espinho. Farense e Portimonense, conseguiram eliminar o Penice e o Boavista, ainda que não conseguissem repetir os triunfos alcançados na 1.ª mão.

Com a expressiva vitória dos cubistas sobre a Académica, que lhes valeu também a qualificação, teremos, pois, em prova, ainda três clubes algarvios.

O Olhanense realizou o «Jogo do Ano»

Com uma bola de desvantagem, a equipa algarvia não poderia encerrar a partida de domingo de igual maneira como fizera em Coimbra, no primeiro jogo da eliminatória inicial. Os cubistas, jogando no seu meio, teriam de procurar desfazer a diferença, lançando-se para o ataque sem se impressionar com os galões de um team aureolado pela fama de ser um dos conjuntos que melhor e mais agradável futebol pratica no nosso País.

Estes factores proporcionaram aos desportistas algarvios uma das melhores partidas dos últimos tempos. A equipa olhanense jogou em grande plano, exibindo um futebol de verdadeira classe, vistoso e prático que chegou a ser brilhante, dada a homogeneidade que se verificou em todos os seus sectores.

Os estudantes perderam bem e a sua eliminação da Taça não poderá ser desculpada porque o estado lamacento do terreno os prejudicou, ou porque a falta de um ou outro titular influir para o fraco rendimento da equipa. A Académica é um clube da I Divisão, não foi concerteza a primeira vez que se exibiu sobre um terreno pesado e possui reservas à altura de uma ou outra falta.

Poderemos apontar como principal causa da vitória algarvia, a turma de Artur Quaresma ter realizado o «jogo do Ano», talvez explicado pela inspiração de alguns dos seus pupilos nomeadamente: Reina, Campos, Casaca e Ezequiel.

Campeonato Nacional da II Divisão

No reatamento do campeonato, realiza-se hoje a 13.ª jornada, que finaliza a primeira volta, com os seguintes jogos:

Farense — Almada, Lusitano — Estoril, Juventude — Olhanense, Beja — Portimonense.

Júlio Sancho

Médico - Radiologista

RADIOLÓGICO-FOTOGRAFIA—TRATAMENTOS ELÉCTRICOS—ONDAS CURTAS—ULTRA-SONS

Clática, lumbar, atrose deformante, nevralgias, etc.

CONSULTÓRIOS FARO—PORTIMÃO t. 368

que será que aquela gente... Ah! Um ananaz de estufa mirra se de lá o tirarem. E na escuridão, ainda meio adormecido, lancei-lhes esta indelével saudação: «Boa Noite, Fidos».

O Prior António Patrício vai para Faro?

Continuação da 1.ª página

trabalho e inteligência, conquistou a simpatia geral.

A ele se devem algumas obras dignas de relevo, como sejam a construção da nova igreja de Santa Luzia, o restauro das igrejas do Carmo, de S. Brás, a célebre e formosa exposição de arte sacra realizada na igreja do Carmo, etc, etc.

Os templos da cidade que estão à sua guarda e que são em elevado número, apresentam-se com cuidado e atraente aspecto.

As igrejas de Santa Maria e S. Tiago são um espelho vivo do seu trabalho.

A sua obra porém não termina aqui, pois também se lhe deve a criação dessa simpática organização social «O Lar da Criança», onde se albergam algumas dezenas de crianças do sexo feminino desviadas aos perigos da rua e onde se fazem mulheres sob uma cuidada orientação moral e cristã. No momento presente também por sua iniciativa está a ser construído no local do antigo Teatro Tavirense, a sede da referido Lar que presentemente ainda vive em condições difíceis de alojamento.

Ora não é assim inopinadamente que uma cidade vê desaparecer um amigo de há largos anos e que com ela vive espiritualmente ligada ao coração.

Se a cidade gosta do seu prior, porque razão se há-de ir embora?

Ainda há poucos dias soube pela Imprensa da reacção feita pela cidade de Portimão quando por idêntico motivo se indigitou a saída do reverendo Padre Vitorino.

Ponderadas as causas e apreciados os factos à luz clara da razão e depois das várias comissões de centenas de pessoas que se deslocaram ao Paço Episcopal, cremos que Sua Ex.ª Reverendíssima o sr. Bispo do Algarve procurará solucionar o problema para que esta cidade de gloriosas tradições religiosas não se inferiorize a outras cidades algarvias numa sublime demonstração de que a Igreja recebe sempre de braços abertos as boas iniciativas e as justas petições do povo.

Se a nossa modesta mas sincera manifestação de apoio à continuação do reverendo Prior António Patrício à frente da orientação religiosa da cidade fizer eco, muito nos congratulamos pois seria muito desagradável para nós ver partir um amigo com quem mantivemos sempre as melhores provas de simpatia desde a primeira hora em que pisou as ruas de Tavira ao iniciar aqui o seu munos sacerdotal.

A sua partida neste momento em que está a dirigir a continuação da sua obra de caridade iniciada, sob as melhores auspícios e com acrisolado amor, também nos parece muito pouco oportuna.

Oxalá que Tavira, esta cidade que, por infelicidade do destino tem visto ruir algumas das suas melhores esperanças não veja agora desaparecer um dos seus bons amigos.

UM CONTO

A Bicicleta Vermelha

EM a chuva miudinha que impertinentemente não cessava de cair e que tanto aborrecia os inúmeros cavalheiros e senhoras que apressadamente entravam e saíam dos luxuosos estabelecimentos da cidade, fazia arredar de junto duma grande montra aquele jovem pequeno a tiritar de frio e em cujos olhos se notava um brilho estranho.

Era véspera de Natal e Carlinhos, como todas as noites daquela bela semana que antecede à grande Festa da Família, lá estava admirando a linda bicicleta vermelha, causa de tantos sonhos por ele idealizados. A esperança vivia no seu pequenino coração, porque todas as noites ao deitar, por sob as mantas, ele pedia ao Menino Jesus, com toda a devoção, que não se esquecesse dele e lhe trouxesse aquela bicicleta já que seus pais por serem pobres, não lhe poderiam comprar.

A noite foi longa e quase de vela, mas mal a manhã despoitou ele saltou limpeiro da cama, ainda iluminado pelos raios da esperança. Mas... a cobizada bicicleta não estava lá. Em seu lugar haviam pequenos chocolates que noutra altura fariam pulir de alegria o pequeno Carlinhos. Duas lágrimas humedeceram os olhos do garoto e cabisbaixo recolheu os humildes presentes que o Menino Jesus lhe havia destinado.

As palavras consoladoras dos pais já o haviam feito esquecer a desilusão sofrida, talvez a primeira das inúmeras que a sua vida de pobre lhe iria proporcionar, quando a voz do seu amigo Joãozinho, filho de famílias abastadas, se fez ouvir. — Carlinhos, anda ver o que o Menino Jesus me deu.

O espírito de curiosidade infantil impulsionou-o para a porta, mas em acto continuo o seu rostozinho sofreu verdadeira transformação e o pequeno coração ainda não refeito do desgosto sofrido, quase paralizou. Joãozinho, o seu maior amigo, era o dono da bela bicicleta vermelha.

O pequenito peito, frágil para suportar tão grande desgosto, deixou escapar um soluço, enquanto os olhos se banhavam novamente de lágrimas.

Notando a tristeza de seu amigo, Joãozinho acrescentou: — Não chores; talvez o Menino Jesus só trouxesse esta e a deixasse para nós dois. Olha... Anda dar uma volta para a experimentares.

Dois sorrisos ingénuos e puros encontraram-se, e naquele momento duas almas transbordando alegria agradeciam ao Menino Jesus.

Ofir Chagas

Despedida

Maria Gabriela Lopes da Cruz Faria, na impossibilidade de poder fazê-lo pessoalmente, por este meio, apresentar cumprimentos de despedida às pessoas amigas e oferecer os seus préstimos em Setúbal.

Assinal o «Povo Algarvio»

Máquinas Agrícolas

Vende-se por motivo de retirada:

Uma debulhadora de 1,10 TRAMAGAL, um tractor FORD MAJOR, dois jogos de charruas, um tractor DAVID BROWN 30 D, um jogo de charruas e uma máquina escorolhadora de milho

Tratar com: Joaquim Louro - Quatrim do Norte - OLNÃO - Telf. 3403